

NOTA: Por lamentável equívoco, figurou no quadro 32, da Academia, como sucessor de Mário de Lima o acadêmico Ayres da Matta Machado Filho, que é o atual ocupante da cadeira n. 33, cujo quadro hoje se expõe, com a inclusão da biografia de seu detentor, devidamente retificada. Para a normalização dos quadros, publica-se, em separado, a biografia do acadêmico Heli Menegale, atual ocupante da cadeira n. 32.

ELI MENEGALE — Nasceu em Juiz de Fora, em 10 de janeiro de 1903, onde, além do curso primário, estudou humanidades, indo completar o currículo secundário em Campinas. Em 1923, alcançou o título de engenheiro-agrônomo, mas não chegou a exercer em momento algum a profissão. Preferiu dedicar-se ao magistério. Assim é que após lecionar em algumas cidades do Sul de Minas, veio para Belo Horizonte, onde ingressou no Colégio Estadual, tendo sido Reitor do Ginásio Mineiro. Atualmente, ocupa posição de relevo na administração do ensino federal, pois é diretor do Departamento Nacional de Ensino. Foi eleito para a Academia Mineira de Letras em 1936 e dela foi presidente nos biênios 1947-1948 e 1949-1950. Exerceu, também, as funções de secretário da Academia nos biênios 1951-1952 e 1953-1954, e presidente nos biênios 1947-1948 e 1949-1950. Poeta de rara sensibilidade, prestou forte contribuição ao movimento modernista com o livro "Passa-Quatro", que lançou sob o pseudônimo Ricardo Martins. Sob o mesmo pseudônimo, escreveu outro livro, intitulado "Montanha". Sob nome próprio, "Azul" (1922); "O Suave Poema", (1928); "Anfora do Sonho" (1928); escreveu "Antiga Melodia" e "Joãozinho e Maria" e outros poemas infantis. Em prosa publicou "Cabo Deodato". Quando se achava em Campinas, foi redator da revista "A Onda". Tem vários trabalhos inéditos, e muitas de suas produções se acham esparsas pelos jornais. Completamente avesso a publicidade, escondendo-se em modéstia e recato, sempre generoso, Heli Menegale é analista arguto, brilhante, e tudo o que sai de sua pena guarda a delicadeza de tecido raro. Escritor preciso, direto, em períodos claros, diáfanos, tudo nele tende à harmonia, à suavidade, em ponto alto, que não exclui o da beleza literária. É muito difícil ser fácil, e fácil ser difícil. Heli Menegale não chega a vencer as dificuldades para a manifestação de seu pensamento. É que este surge límpido, sereno, puro, reflexo da nobreza espiritual de quem domina, a um tempo, os segredos da bondade e os mistérios da paz. Nos conselhos da Academia, é uma das vozes queridas, não apenas pelo brilho de seu talento de escritor e poeta, mas pela cordura e amenidade do trato. Volve-se a páginas filosóficas antigas, e certamente dele se dirá que tem a alma no coração.



Heli Menegale

(Coleção organizada por MARTINS DE OLIVEIRA)

AYRES DA MATTA MACHADO FILHO — Nasceu em Diamantina em 24 de fevereiro de 1909. Fez o curso primário sob direção de sua tia Eponina da Matta Machado, na própria terra natal. Conduzido muito criança ainda, por seu próprio pai, para o Instituto Benjamin Constant, do Rio de Janeiro, assenhorou-se imediatamente do alfabeto de Braille. No referido Instituto, fez



Ayres da Matta Machado Filho

todo o curso de humanidades. Vindo para Belo Horizonte, foi professor do Instituto São Rafael, entregando-se afincadamente a estudos filológicos e folclóricos, e iniciando ao mesmo tempo a atividade jornalística, através de vários trabalhos, publicados no órgão oficial do Estado, "Minas Gerais". Daí passou a colaborar em muitos jornais e revistas da Capital, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Foi um dos fundadores de "Folha de Minas", ao lado de Afonso Arinos de Melo Franco. Foi, também, um dos fundadores de "O Diário", em cujas colunas mantém, até hoje, assídua colaboração que, praticamente, teve começo com o primeiro número do grande órgão da imprensa mineira. É catedrático de língua e literatura românica na Faculdade de Filosofia de Santa Maria, de que foi um dos fundadores. Um dos fundadores da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, nela tem a responsabilidade de uma cátedra. Tomou parte em vários congressos de folclore, notadamente no Paraná e, recentemente, na Bahia. Foi eleito para a Academia Mineira de Letras em 1937, tendo alcançado a unanimidade de sufrágios. De lá foi vice-presidente nos biênios 1951-1952 e 1953-1954. Publicou os seguintes trabalhos: "Educação dos cegos no Brasil", (1931); "Escrever certo", 1a. série, já em segunda edição; "Ortografia Oficial", já na 6a. edição; "Problemas da língua" (1941); "O Negro e o Garimpo em Minas Gerais" (1943); "Arraial do Tijuco, Cidade de Diamantina", já na 2a. edição, com preciosas ilustrações de Percy Lau; "Araxá" (com Sebastião de Affonseca e Filho, (1946); "Em busca do termo próprio" (1947); "Tiradentes, Herói Humano" (1948); "Curso de Folclore" (1951); "A Correção na Frase" (1952); "Português & Literatura", já na 2a. edição; "Crítica de Estilos" (1956); "Falar, Ler e Escrever" (1956); "Camões. Os Lusíadas" (1957). Como tradutor firmou os seguintes trabalhos: "Psicologia da Criança" e "Psicologia Experimental", já em segunda edição (1956); "Stalin, Czar de Todas as Rússias" (1941); "A Ciência e o Mundo Moderno, de Whitehead", (1946); "Para Formar o Caráter, de Fr. W. Foester (1950). Conserva inéditos muitos estudos, e não foram ainda enfileirados em volumes vários trabalhos seus, que se acham esparsos pelos jornais. Escritor infatigável, que se multiplica em diversos setores do pensamento, senão de linguagem apurada ao extremo de cuidados, a tudo imprime o cunho de autenticidade, aliado a vigilante e indesejável preocupação de ser fiel, rigorosamente fiel aos rumos que se traçou. Policiando-se em tudo, não precisaria do conselho de Sêneca: